

# Números revistos, crescimento maior

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

CORREIO BRAZILENSE

11 AGO 2005

A despeito da crise política que paralisa o governo e faz estragos no Congresso, o otimismo está cada vez maior na economia. Desde o início da semana, de posse dos números fechados do comportamento da indústria no primeiro semestre, o mercado financeiro começou a rever as projeções de crescimento para este ano. A maior parte dos economistas já fala em aumento de até 3,5% para o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas do país. "Depois da divulgação do PIB dos primeiros três meses, que cresceu apenas 0,3%, instalou-se um pessimismo no mercado. Agora, com indicadores mais positivos, muita gente já começa a refazer os cálculos e a encontrar estimativas melhores para o crescimento", disse Sandra Utsumi, economista-chefe do Banco BES Investimentos.

Segundo Nuno Câmara, economista em Nova York do banco alemão Dresdner Kleinwort Wasserstein, o cenário econômico está tão favorável, que o único risco existente hoje é o de o PIB surpreender a crescer além do esperado. "Acabamos de rever nossas projeções de expansão do PIB deste ano, de 3% para 3,2%. Nada impede, porém, que esse número seja revisto mais uma vez nos próximos meses", destacou. Para Câmara, independentemente da crise política, o Brasil está conjugando fatores positivos que tendem a

dar grande impulso à economia: inflação em queda, contas fiscais ajustadas e equilíbrio nas contas externas. A esse fatores ainda se somará a queda das taxas de juros.

## Papel dos juros

Na opinião de Renata Azevedo, economista da Arbor Gestão de Recursos, as taxas de juros terão papel preponderante nos próximos meses para definir o ritmo de crescimento do PIB. "Mas, ainda que o Banco Central se mantenha cauteloso e conservador, o importante será sinalizar que o corte de juros vai acontecer, em agosto ou setembro", afirmou. Pelas contas de Renata, em vez de 2,8%, o PIB crescerá no mínimo 3% neste ano.

Para o economista Carlos Thadeu Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o dado mais animador foi a constatação de que a indústria de bens de capital (máquinas e equipamentos) cresceu 4,2% em junho quando comparada a maio e 8,3% frente a junho de 2004.

No entender de Sílvio Campos Neto, economista-chefe do Banco Schahin, as novas projeções são consistentes com o ritmo da economia, mas não devem ser interpretadas como um sinal de que o país voltou a crescer a pleno vapor. "Sem dúvidas, teremos um 2005 muito melhor do que se imaginava há pouco tempo. Mas o teto para o aumento do PIB neste ano é de 3,5%", disse.